

ASPECTOS LITERÁRIOS DE O SANTO QUE NÃO ACREDITAVA EM DEUS, O  
INUSITADO CONTO DE JOÃO UBALDO RIBEIRO.

Jesuíno Aparecido Andrade

Resumo

Este artigo pretende fazer uma análise literária do conto O santo que não acreditava em Deus de João Ubaldo Ribeiro, discorreremos a propósito do perfil literário do autor e partindo do exame dos aspectos pragmáticos do texto daremos ênfase aos elementos estruturais da narrativa: personagens, enredo, espaço, tempo e foco narrativo. Sendo que, para este estudo, utilizaremos como referência obras de críticos literários que dissertaram sobre o tema, bem como o texto escrito pelo próprio escritor.

Palavras – Chave: Personagens, espaço, narração e enredo.

Abstract

Literary aspects of the saint that didn't believe in god, João Ubaldo Ribeiro  
unusual story

This article intends to do a literary analysis of the story The saint that didn't believe in God of João Ubaldo Ribeiro, we will discourse concerning the author's literary profile and leaving of the exam of the pragmatic aspects of the text will give emphasis to the structural elements of the narrative: characters, plot, space, time and narrative focus. And, for this study, we will use as reference works of critical literary that they lectured on the theme, as well as the text written by the own writer.

Words - Key: Characters, space, narration and plot.

## 1- Introdução

Neste artigo, procuraremos analisar a narrativa estruturada por João Ubaldo Ribeiro no conto *O santo que não acreditava em Deus*, com o intuito de mergulhar no universo psicológico desse escritor. Primeiramente, discorreremos sobre o perfil do autor, depois discutiremos a respeito dos elementos estruturais da narrativa. No decorrer das abordagens, lançaremos mão do debate acerca da teoria do conto.

## 2 – Aspectos relevantes no que concerne aos personagens

Como teoriza Brait<sup>1</sup>, temos em *O santo que não acreditava em Deus* um personagem narrador que se comporta como o agente da ação narrada. Ele é o condutor da ação, dá o impulso e apresenta a temática a ser discutida. A apresentação do personagem se faz por ele mesmo, devido a isso a narrativa assume a forma de diário íntimo ou monólogo interior. No Conto de João Ubaldo Ribeiro a condução da narrativa está sob o comando desse personagem, ele é o narrador em primeira pessoa, o que implica necessariamente a sua condição de envolvido com os acontecimentos que estão sendo narrados. Vemos tudo a partir da perspectiva dele. Na primeira parte da narrativa o personagem narrador faz do monólogo interior um recurso de caracterização de si mesmo, o que leva o leitor a se instalar no fluir dos pensamentos desse ser fictício. Ele confia o que pensa e relata suas ações de um modo muito íntimo. O uso de falas como “é engraçado como eu entenda tanto de peixe e quase não pegue” e “estou eu colocando uma linha de náilon que me veio de Salvador por intermédio de Luiz Cuiúba”, mostram

---

<sup>1</sup> BRAIT, Beth. A personagem e a tradição crítica. In: *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985 p 49.

que o monólogo interior é o recurso que o personagem utiliza para ir mais longe na tentativa de expressão de sua interioridade.

Ao falar de tipos de personagens Brait<sup>2</sup> citando Forster<sup>3</sup> as classificam em planas e redondas. A personagem criada por João Ubaldo Ribeiro se encaixa no perfil que os teóricos definem como “redonda”. É dinâmica, complexa, apresenta várias qualidades e é capaz de surpreender o leitor. Concebemos o personagem narrador do conto como um guia, ele nos apresenta os outros personagens e é capaz até mesmo de descrevê-los. O que sabemos a respeito dos outros personagens nos é revelado por ele. Narrando em primeira pessoa e alternando o uso do discurso indireto e direto, o personagem faz uma descrição minuciosa dos fatos e das impressões que o mesmo tem das situações vivenciadas.

Sabendo que a personagem é um ser fictício e atentando para o que diz Cândido<sup>4</sup> a propósito da questão da verossimilhança, percebemos que os personagens do conto foram construídos na perspectiva da relação entre o vivo e o fictício. Esse paradoxo pode ser vislumbrado, por exemplo, no perfil e nas ações do pescador, ele como personagem é um ser introspectivo, questionador, irreverente e em diversos momentos incrédulo. Características que inevitavelmente fazem com que haja uma aproximação convincente do real com o irreal.

O personagem narrador ora narra fatos acontecidos consigo mesmo ora relata fatos que acontecem com os outros personagens. Ele é participante e observador. Em alguns momentos ele é uma espécie de câmera do modo como explica Brait:

Vemos tudo através da perspectiva dessa personagem, que, arcando com a tarefa de conhecer-se e expressar esse conhecimento, conduz

---

<sup>2</sup> BRAIT, Beth. A personagem e a tradição crítica. In: *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985 p 41.

<sup>3</sup> FORSTER, E.M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1969.

<sup>4</sup> CÂNDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens.

[...]

Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem.<sup>5</sup>

No conto do escritor baiano o personagem narrador em diversos momentos é essa câmera, ele nos mostra os acontecimentos e as discussões que Deus e Quinca Das Mulas estão envolvidos. Vale salientar, entretanto, que em outros momentos da narrativa o personagem se comporta como testemunha dos fatos. Ele presencia o dilema vivido por Deus na terra a procura de um santo que possa executar tarefas celestiais.

Dos outros personagens que fazem parte da estória, destaque deve ser dado a Deus e a Quinca Das Mulas. Ambos são emblemáticos e de personalidade forte. A questão da verossimilhança pode tranquilamente ser aplicada a eles. O primeiro é o Deus mais humano que se poderia imaginar e o segundo o humano que jamais poderia ser visto como santo. Há propositalmente por parte do autor uma quebra de padrões. São personagens enigmáticos, verossímeis, porém condicionados a uma visão estereotipada, tudo que sabemos deles nos é revelado pelo personagem narrador, o fio condutor da narrativa.

### 3 – Enredo

O Santo que não acreditava em Deus é um conto e, portanto, o seu enredo é curto e condensado no tempo e no espaço. Nele as ações são centradas preferencialmente em dois personagens: o pescador e Deus.

---

<sup>5</sup> BRAIT, op. cit. p 60-61

No conto a figura divina se transfigura em humana com a missão temporária de procurar uma pessoa para se tornar um novo santo.

O enredo do conto de João Ubaldo Ribeiro apresenta uma estrutura tradicional conforme afirma Mesquita:

Conforme ainda a ordenação dos fatos e situações narradas, o enredo pode apresentar uma organização linear, mais próxima da ordem da narrativa oral, da narrativa tradicional (mitos, lendas, casos, contos populares) em que se respeita à cronologia (narra-se antes o que aconteceu antes), obedece-se à ordem começo, meio e fim, ao princípio da causalidade (os fatos são ligados pela relação de causa e efeito).<sup>6</sup>

Na estória analisada, o enredo possui um componente pouco utilizado na literatura: Deus em um corpo humano. Nesse caso, a trama possui um toque de fantasia, por tratar-se de um personagem que não existe na realidade concreta, mas é verossímil, conforme afirma Mesquita:

A arte em geral, e, portanto a literatura, cria realidades possíveis, gera significações possíveis e se torna, muitas vezes, profética. O realismo mágico, o universo fantástico, as utopias e as anti-utopias, a *science fiction*, são exemplos mais flagrantes das possibilidades extremas da relação ficção/realidade.<sup>7</sup>

A humanização de um Deus, embora pareça contraditória, é percebido mais no campo religioso que no literário onde há relatos de transfiguração do divino em humano fazendo com que o leitor julgue estas estórias verossímeis.

O Santo que não acreditava em Deus é uma estória narrada por um pescador que se torna amigo de Deus, tanto que o divino o encarrega de guiá-lo para a cidade de Maragogipe a fim de procurar um novo santo: um tal de Quincas Das Mulas.

Durante o decorrer da estória notam-se características humanas em Deus; como a personalidade forte e a impaciência ao lado da amizade e bondade que ele demonstra em contato com a gente daquele lugar.

---

<sup>6</sup> MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1987. Pág. 17

<sup>7</sup> Ibidem. pág. 15

A estória de cunho regionalista surpreende devido ao estilo próprio do escritor que utiliza termos grosseiros, as estórias passam por ambientes pouco recomendáveis e ocorre muito rixa e briga.

Deus ao tentar convencer o candidato a se tornar santo, acaba se aborrecendo, pois não consegue persuadir o tal de Quincas das Mulas, devido ao fato que o mesmo possui uma vida boêmia e não gosta de religião.

O final do conto foge a noção universal que temos: que tudo que o Todo Poderoso desejar ele obtém. Mas, ao analisar o conto, percebemos que Deus afirma que o homem tem livre arbítrio para decidir seu destino e portando não seria lógico utilizar seu poder para manipular. Isso é observado no conto ao ver que o Supremo Ser tenta convencer seu escolhido dialogando e fazendo dois milagres (que o Quincas das Mulas afirmava ser mágica), mas não utiliza de grandes artifícios que poderia usar caso quisesse.

A presença de uma personagem principal atípica, de um enredo surpreendente e de um anticlímax no final é evidência a grande qualidade literária do conto e demonstra o grande valor das obras de João Ubaldo Ribeiro, tanto que *O Santo que não acreditava em Deus* serviu de inspiração para uma produção do cinema nacional.

#### 4 - Espaço

João Ubaldo Ribeiro inicia o conto descrevendo elementos característicos referentes a um espaço marinho. A descrição detalhada desses elementos proporciona um estado anímico ao mesmo, ou seja, o espaço como um reflexo da conduta humana. Podemos observar esta característica no seguinte trecho: "*Temos*

*várias espécies de peixes neste mundo, havendo peixe que como lama, o peixe que come baratas do molhado, o peixe que vive tomando sopa fazendo chupações na água...".*

Segundo Ataíde<sup>8</sup>, o espaço é importante para a localização do desenvolvimento dos fatos. Fora disso, hoje a noção mais importante de espaço tem uma configuração nova e se instala na obra através da procura do relacionamento com os demais ingredientes ficcionais. Isso pode ser observado no momento da narração em que há uma menção à feira de Maragogipe, onde o personagem descreve a feira citando objetos (cajus, rapaduras, etc.), sendo que através do personagem, infere-se a realidade deste espaço. Através dessa ambientação o leitor faz uma leitura simbólica do espaço em questão.

Para Dimas<sup>9</sup>, não se deve confundir espaço com ambientação, para efeitos de análise, exige-se do leitor perspicácia e familiaridade com a leitura para que o espaço puro e simples (o quarto, a sala, a rua, o barzinho, a caverna, o armário, etc.), seja entrevido em um quadro de significados mais complexos, participantes estes da ambientação. Na referência à casa de Adalberto, outro espaço descrito no conto, o personagem-narrador diz que a presença de Deus faz com que o ambiente fique com uma grande leveza. Neste trecho, somos levados junto com o personagem a sentir esta sensação agradável.

Osman Lins<sup>10</sup> propõe que há três tipos diferentes de ambientação: a franca, a reflexa e a dissimulada. A ambientação franca depende basicamente do narrador, enquanto a reflexa, de um personagem tendencialmente passivo, já a dissimulada é

---

<sup>8</sup>ATAÍDE, Vicente. Tempo e Espaço. In: *A Narrativa de Ficção*. Curitiba: Ed. dos professores, 1972, pg. 50.

<sup>9</sup>DIMAS, Antônio. Rumo aos conceitos. In: *Espaço e Romance*. São Paulo. Ed. Ática

<sup>10</sup>LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo. Ática, 1976.

aquela em que os atos da personagem vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos.

O espaço, neste conto, baseando-se em Lins<sup>11</sup>, pode ser analisado como uma ambientação dissimulada, ou seja, através dos atos da personagem percebemos o contexto e as características que nos permitem situar os fatos em um dado lugar no texto.

## 5 – Tempo na narrativa

Toda narrativa apresenta o seu tempo próprio, o tempo efetivo que lhe determina o curso e a sua existência. E também o tempo do seu conteúdo, que é apresentado sob uma perspectiva, e isso de forma tão variável que o tempo imaginário da narração pode coincidir por completo.

Assim, com a leitura de João Ubaldo Ribeiro não é diferente. Ao longo da apresentação do conto esses tempos ficcionais aparecem. O tempo constitutivo da obra surge como um elemento que traduz a sua duração, a articulação das idéias que incidem na trama, até atingir o desfecho. Esse tempo não pode ser totalmente previsto pelo autor, todavia ele utiliza alguns efeitos que podem ser vistos na forma de recursos de linguagem (pontuação, o uso de orações curtas e longas, repetição de palavras etc.). Eis um trecho que ilustra bem essa idéia:

Ou quando estamos como assim nesta canoa, porém nada mordendo, somente carrapatos. Nesses peixes miúdos de moqueca, esquecia eu de mencionar o carrapato, que não aparece muito a não ser em certas épocas, devendo ter recebido o nome de carrapato do ar.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Op. cit.

<sup>12</sup> RIBEIRO, João Ubaldo. O santo que não acreditava em Deus. In: MORICONI, Ítalo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 pág. 479.

A outra maneira de se lidar com a temporalidade em textos literários é o estabelecimento de um tempo ficcional. Em “O santo que não acreditava em Deus” esse tempo ficcional se sobressai no plano da narrativa, isto é, na história propriamente dita, assim, sendo uma atribuição de uma dimensão temporal aos acontecimentos relatados, por meio de palavras ou expressões as quais o autor recorre. No trecho seguinte, isso é exemplificado:

E aí mais pau, mas, quando o dia já estava moço, aí por umas seis ou sete horas da manhã, estamos Deus e eu navegando de volta a Itaparica, nenhum dos dois falando nada, ele porque fracassou na missão e eu porque não gosto de ver um amigo derrotado.<sup>13</sup>

Geralmente, os autores para situarem os leitores no tempo em que a trama está acontecendo recorrem justamente a expressões temporais, que na maioria das vezes estão associadas ao calendário ou ao relógio, como a utilizada por João Ubaldo: “umas seis ou sete horas”. Também no decorrer do conto são elencados alguns motivos que fomentam uma ordem cronológica. No início do texto tem-se um pescador que ao se encontrar com Deus se depara com uma situação inusitada, o mesmo tem que acompanhar o divino na busca do terceiro personagem da trama que é Quincas das Mulas. E nesta instância que aparece o momento culminante do enredo, a procura de Quincas. Consequentemente o desfecho só foi possível em virtude do pescador junto a Deus conseguirem encontrá-lo. E para isso se valeram de um certo espaço de tempo, no qual o narrador evidencia todas as peripécias dos dois no mar e também na feira de Maragogipe.

Diante disso, a narrativa constantemente está vinculada com o tempo enquanto dimensão externa à linguagem, pois tende a representar, de algum

---

<sup>13</sup> Ibidem pág. 487

modo, o tempo que elege como elemento fundamental para situar e identificar aquilo que se narra.

## 6 – O foco narrativo

No conto, o escritor faz uso da figura de um narrador onisciente intruso, ele conta os acontecimentos do modo como explica Chiappini:

Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Poullion, por trás, adotando um ponto de vista...

[...]

Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se a narrar como se estivesse de fora, ou de dentro dos acontecimentos, podendo, ainda mudar e adotar sucessivamente várias posições.<sup>14</sup>

No conto *O santo que não acreditava em Deus*, o narrador ora narra de dentro dos acontecimentos, como nos trechos: *"e estou eu colocando uma linha de náilon que me veio de Salvador por intermédio de Luís Cuiúba..."*, *"nisto o silêncio aumenta e, pelo lado, eu sinto que tem alguma coisa em pé pelas biribas da torre velha e eu ao tinha visto antes..."*, ora narra de fora conforme se observa no trecho a seguir: *"tomaram mais e fizeram muito grande sucesso com as mulheres e era uma risada, uma coisa mesmo desproporcionada, havendo mesmo um serviço de molho pardo depois das seis, que a fome apertou de novo, e bastantes músicas. Cada refrão que Quinca mandava, cada refrão Deus repicava, estava uma farra lindíssima, porém sem maldade, e Deus sabia mais samba que qualquer pessoa, leu mãos, recitou, contou passagens, imitou passarinho com perfeição, tirou versos, ficou animadíssimo."* Como vimos pelo trecho transcrito, o traço característico do narrador

---

<sup>14</sup> CHIAPINNI, Lúgia. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 1985 p 26.

é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes e o agir dos outros personagens.

O narrador também se comporta como uma câmera narrativa, que focaliza, registra e filma detalhadamente o comportamento dos personagens e a ação de cada um deles. Ele está muito próximo desses seres fictícios, sabe tudo sobre elas, o que sentem e pensam, conforme podemos constatar na afirmação: *“eu achava que se Deus não ganhasse na conversa, pelo menos ganhava na porrada”*.

Sendo a narração feita por um humilde pescador, que presencia todos os acontecimentos, contando tudo o que viu e ouviu, dando seu ponto de vista acerca dos fatos ocorridos, constatamos que o personagem narrador em diversos momentos da narrativa se faz de testemunha dos fatos contados.

## 7 – Conclusão

Segundo Gotlib<sup>15</sup>, há três acepções a cerca da definição de conto: relato de um acontecimento, narração oral ou escrita de um acontecimento falso, fábula que se conta às crianças para diverti-las. Uma coisa, porém, é certa: são modos de se contar uma coisa e, enquanto tal, são todas narrativas. Sabemos que toda narrativa apresenta uma sucessão de acontecimentos e que o conto não se refere apenas a fatos acontecidos, não há um compromisso firmado com eventos reais. Como afirma Gotlib<sup>16</sup>, no conto realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato copia-se ou inventa-se.

O conto *O santo que não acreditava em Deus* de João Ubaldo Ribeiro se encaixa na fundamentação teórica explicitada. É o relato de um acontecimento

---

<sup>15</sup> GOTLIB, Nadia Battela. *Teoria do conto*. São Paulo: Atica, 1990 p 10-11

<sup>16</sup> op. cit. p 12

inusitado: Deus vem a terra procurar um santo para substituí-lo nos trabalhos celestiais. É a narração de um fato fictício, porém verossímil. O relato contado por João Ubaldo foi certamente inventado, mas nele realidade e ficção se fundem inevitavelmente.

No conto, João Ubaldo Ribeiro faz uso de uma linguagem inovadora, característica típica dos escritores modernos. Ele inventa palavras e sons como no trecho “*eu fiz quá-quá-qua*”; seu texto utiliza uma linguagem informal sem nenhum temor. Apesar de ser um conto, O homem que não acreditava em Deus é uma grande história contada por um grande escritor.

8 – Referências bibliográficas

ATAIDE, Vicente. Tempo e Espaço. In: *A Narrativa de Ficção*. Curitiba: Ed. dos professores, 1972.

BRAIT, Beth. A personagem e a tradição crítica. In: *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CÂNDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

CHIAPINNI, Lígia. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

DIMAS, Antônio. Rumo aos conceitos. In: *Espaço e Romance*. São Paulo. Ed. Ática.

FORSTER, E.M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1969.

GOTLIB, Nadia Battela. *Teoria do conto*. São Paulo: Atica, 1990.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

RIBEIRO, João Ubaldo. O santo que não acreditava em Deus. In: MORICONI, Ítalo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.